

# OS ALICERCES DA APRENDIZAGEM

Claudete Sargo

**RESUMO** - A autora tem como objetivo descrever as implicações no processo de aprendizagem, decorrentes das relações entre pais e filhos. Utiliza dados retirados de suas experiências profissionais e de estudos a partir da Psicologia Analítica estruturada por Jung e da Psicanálise estruturada por Winnicott.

**UNITERMOS:** Genes; ambiente; essência ou vocação pessoal; caráter singular; existência.

Espero que este trabalho possa ampliar a compreensão dos profissionais em Psicopedagogia sobre as implicações no processo de aprendizagem decorrentes da dinâmica relacional entre pais e filhos. Aos que têm a tarefa de orientar pais, penso que encontrarão mais recursos para poder ajudá-los, no que acredito que eles mais almejam – educar seus filhos para encontrar a felicidade, ao poderem realizar-se em suas vidas familiares, acadêmicas e sociais.

Descreverei sobre o tema não só como psicopedagoga, mas principalmente como mãe, que na educação dos meus filhos cometi acertos e erros e aprendi, não só através de meus estudos, pesquisas e experiências profissionais, mas, profundamente, com eles próprios.

Sabemos que muitos fatores que implicam no desenvolvimento físico e psíquico chegam às crianças através dos pais, como: as características genéticas, as condições da gestação e do parto, as relações que se estabeleceram na educação, entre outros. Ainda que, ao nascer, um fator genético ou ambiental cause algum problema à criança, com certeza, este pode ser amenizado

pelos pais. Nessa medida, nós pais, temos uma grande influência na qualidade de vida das nossas crianças.

Mas, como observou Jung<sup>1</sup> em seus estudos, o ser humano não é só genes e ambiente, é algo mais que ultrapassa o discurso científico. Percebemos que ele tem uma essência que é pessoal e única e nasce com ele. Essa essência é um tipo de vocação pessoal. É um traço de caráter singular, que desde o início da vida parece estar definido e o acompanha por toda a existência, dando significado às suas relações no mundo. Com isso, precisamos estar atentos aos nossos filhos para captarmos essa singularidade e permitirmos que eles a expressem, pois ela deve ser vivida, aceita e confirmada por nós.

Existir, reconhecer-se enquanto um ser original e único, poder relacionar-se com o outro, constituir-se enquanto pessoa são algumas tarefas que a vida reserva ao ser humano e este só será capaz de realizá-las se puder contar com aqueles que, através do amor, puderem ser, verdadeiramente, seus pais.

Não só o desenvolvimento físico e psíquico, mas também o aprender transcorre no seio de um

---

*Claudete Sargo - Psicopedagoga Clínica, Mestra em Psicologia da Educação – PUCSP.*

---

*Correspondência  
Rua Claudina Silva, 67 - Cep: 01435-020 - São Paulo  
- SP - claudete@mtecnetsp.com.br*

vínculo humano, cuja matriz toma forma no primeiro vínculo – mãe, pai, filho – e tem continuidade nos outros vínculos familiares, escolares e sociais. Sendo assim, alguns procedimentos, no ambiente familiar, são desejáveis para que nossos filhos possam aprender, além de constituir-se com o que, biologicamente, herdaram de nós e para que não desviem seus caminhos da essência original, do caráter inato. Com certeza, é a realização desse caráter que os tornará mais saudáveis, fortes, aptos e talvez mais felizes.

Para compreendermos melhor como proceder na educação dos filhos, vou descrever um pouco sobre o início da vida da criança até chegar a idade de seis ou sete anos, mesmo porque as experiências, desse início, vão servir de alicerces para outras experiências futuras, no decorrer do desenvolvimento.

Ao nascer, o mundo da criança é a sua casa e a população seus pais, eventualmente irmãos e pessoas que ajudam nos cuidados da própria criança (avós, enfermeira, babá). A princípio, o bebê não distingue os diferentes papéis. Para ele, essas pessoas são parte de si mesmo que buscam satisfazer suas necessidades básicas – acalantar, aconchegar, alimentar, saciar a sede, realizar a higiene, acalmar as dores, regular a temperatura – frio, calor, entre outras.

A comunicação com o mundo, nessa fase, realiza-se através do corpo, ou seja, ao tocarmos intencionalmente a criança, abraçarmos, carregarmos, beijarmos, darmos de mamar, banharmos carinhosamente, estamos comunicando-lhe nossas emoções, nosso amor, nossa aceitação incondicional, nosso desejo de que está sendo bem-vinda<sup>2</sup>. O bebê não entende o significado das palavras, só as emoções que delas emanam. Ainda não pode entender regras e normas, como por exemplo, hora para dormir, para mamar, entre outras. Ele dorme tanto tempo quanto necessitar e mama quando tem fome. Sendo assim, o bebê é quem dá aos pais a orientação do que deve ser feito com ele, ao se manifestar na hora em que tem fome, que tem sede, que tem frio ou calor, que tem dor ou que tem sono e os pais cumprem suas demandas, seus

apelos. Com isso, a criança se vê como centro do seu mundo, tem a sensação antropocêntrica, que nada tem a ver com onipotência, mas que é a base indispensável para todo o desenvolvimento humano. Ao ser imediatamente atendida, a criança pode integrar os fatores negativos e positivos das suas vivências de tal forma que a unidade da personalidade é garantida e não dividida em partes antagônicas. Surge uma tolerância positiva do ego que, baseado na segurança e confiança dos pais, a criança é capaz de aceitar o mundo e a si mesmo, porque ela tem experiências constantes de tolerância positiva e aceitação. Nessa medida adquire, também, a confiança de que não vai morrer porque está com fome, com dor ou com frio. É assim que a criança percebe (aprende) que sempre será capaz de encontrar soluções para obter tudo o que necessitar e passará a confiar na vida, irá sentir-se segura e carregará esse sentimento de confiança no decorrer de todo o seu desenvolvimento<sup>2</sup>. Inicia-se nessa fase um processo de estruturação da auto-estima. Se este sentimento antropocêntrico não for vivido nesta etapa da vida, com certeza ela desejará ser o centro das atenções em outras idades, o que não é nem um pouco saudável.

Mas, ainda que, como já disse, ela não compreenda as regras e as normas, nem a nossa verbalização, conversamos com a criança como se ela entendesse, mesmo sabendo que ela não entende. Falamos sobre nosso cotidiano (a mamãe vai fazer a papinha do nenê, o papai já vai chegar para brincar com o nenê, etc...), contamos histórias, cantamos. Assim ela vai aprendendo os sons, o ritmo das palavras, a musicalidade da língua. Essa fala com a criança é a semente para a aprendizagem da linguagem e depois da leitura e da escrita.

À medida que a criança cresce, vai, aos poucos, distanciando-se da mãe, e ao mesmo tempo, desenvolvendo sua estrutura cognitiva, o que lhe possibilita distinguir os diferentes papéis sociais como o de mãe, o de pai, o de irmã/irmão, o de avó/avô, entre outros. Assim, ela demonstra que já pode “pensar” e, portanto, aprender. Em seguida, a criança continuará dando outros sinais

de maturidade cognitiva ao querer balbuciar, segurar a mamadeira, descer do berço sozinha. Nesse momento, nós pais, começamos a ensinar as primeiras convenções do grupo familiar, como: hora para dormir, hora para comer, hora para passear, hora para banhar-se, entre outros. A criança sai da posição antropocêntrica, de dirigir seus pais, passando a dar sinais para que estes passem a orientá-la. Quero frisar que isto ocorre muito lentamente, aos poucos, e uma coisa de cada vez.

Mas, se a criança permanecer, após os primeiros sinais de amadurecimento cognitivo, na posição inicial de centro do mundo, ou seja, continuar ditando normas: horário para comer, banhar-se, dormir, negando-se a aprender aquilo que seus pais querem ensinar, é sinal de que ela não está crescendo emocionalmente, que está presa no estágio anterior do desenvolvimento. Com isso, sua estrutura cognitiva também ficará imatura e, conseqüentemente, poderá apresentar dificuldades para aprender, ainda que seja uma criança muito inteligente. Sabemos que a estrutura emocional caminha, paralelamente, com a estrutura cognitiva e, se houver algum obstáculo em qualquer delas, a outra também será afetada. A criança poderá, ainda, bloquear o desenvolvimento da estrutura cognitiva, como queixa para expressar seu descontentamento ou desconforto na relação com as pessoas que lhe estão ensinando, se as primeiras aprendizagens (das convenções sociais) não forem prazerosas e amorosas.

Se as aprendizagens realizadas no seio familiar forem eficientes e prazerosas, é muito provável que a criança transfira as referências normativas e o prazer em aprender para as aprendizagens escolares. Tanto no que se refere a conversa dos pais com o bebê, quanto à aprendizagem dos rituais convencionais do cotidiano, a criança estará construindo os alicerces que servirão de apoio para aprender outras convenções como, por exemplo, as da leitura e da escrita.

Quero ressaltar que poder aprender não é importante somente para adquirir cultura ou para, mais tarde, entrar na universidade e

profissionalizar-se (aliás, esta é uma preocupação de alguns pais desde muito cedo), mas poder aprender é importante, principalmente, para desenvolver-se como ser humano na sua totalidade, ampliando o conhecimento de si e do mundo para ser capaz de conviver, no mínimo, em paz com seus semelhantes. Conhecemos pessoas que são muito bem preparadas academicamente, mas que profissionalmente ou socialmente deixam a desejar.

À medida que caminha no seu desenvolvimento, a criança se torna cada vez mais apta a aprender o que lhe for ensinado e continuará sinalizando que quer aprender mais, se a interação familiar for satisfatória. Ela desejará realizar coisas como: andar, comer e vestir-se sozinha, mexer nos objetos da casa para conhecê-los e tantas outras coisas mais. Esses desejos precisam ser acolhidos e a criança deve ser orientada com paciência, tolerância e amor para que exercite sua "autonomia de ação"<sup>2</sup>. A curiosidade e autonomia de poder mexer, manusear, explorar para conhecer, se bem conduzidas, se estenderão para as atividades escolares, quando então a criança deverá agir fisicamente sobre o que lhe está sendo ensinado. Essa autonomia será utilizada quando precisar realizar seus deveres, buscar informações, resolver suas dúvidas, pesquisar em um livro, fazer uma experiência, enfim, para assumir suas responsabilidades, executando, com independência, as tarefas necessárias. Às vezes, não permitimos que ela manifeste e exercite essa curiosidade em casa, onde está construindo a matriz das aprendizagens, mas esperamos que a exerça diante das obrigações escolares.

Quando a criança quer escolher o que irá comer, o que irá vestir, com o que quer brincar, escolher os passeios, ela está sugerindo que já pode "pensar" a respeito de suas necessidades e interesses. Está iniciando o exercício sobre a potencialidade da "autonomia de pensamento". Essa autonomia de pensamento ela também irá utilizar na escola para identificar o que já conhece, relacionar um conhecimento com outro, ponderar e buscar a melhor resposta, o mesmo que ela faz quando escolhe uma comida, seus

brinquedos, suas roupas, sob a orientação adequada de um adulto.

Orientar adequadamente significa ajudá-la a escolher, conversando sobre os critérios de escolha, permitindo que ela coloque seu ponto de vista, levando-a a sério, colocando-nos como modelo, tudo isso feito com muito carinho, tolerância, ternura e muito amor, principalmente. É desejável que cheguemos a um consenso nas escolhas, mas, se não for possível, a última palavra deve ser dada pelos pais, procurando sempre levar em conta algum aspecto que a criança colocou. Não ajudaria escolhermos por ela ou deixarmos a escolha totalmente por conta dela, sem orientá-la como optar.

Aprender leva tempo, não é automático. Quando uma criança não faz alguma coisa que já foi ensinada, é preciso saber porque ela não aprendeu e depois ensiná-la de novo, procurando sempre atuar na causa. Castigos, reprimendas, pitos e brigas não são soluções. Se atuarmos na consequência, no que foi feito de errado, nunca iremos corrigir verdadeiramente. Por exemplo, se a criança chora quando vamos sair, precisamos dar-lhe toda a segurança, explicar-lhe com quem irá ficar, falar-lhe o que vamos fazer, deixar telefone, avisar-lhe a que horas iremos voltar, dizer-lhe que passaremos no seu quarto para beijá-la quando chegarmos, enfim, procuramos oferecer todas as condições para garantir que ela se sinta segura. Não basta pedir-lhe que se cale, ou mandá-la para o quarto e deixá-la chorar. Isso pode parecer que funciona na hora, mas depois de um tempo, a insegurança que pode ser o motivo real que provocou o choro, irá permanecer e, com certeza, se manifestará em outra ocasião, de forma diferente. Às vezes, a criança chora porque foi contrariada ou porque levou alguma bronca durante o dia, o que pode levá-la a fantasia de que será abandonada. O medo que essa fantasia se concretize aparece à noite, na hora em que os pais estiverem saindo. Então, é preciso conversar com a criança para nos aproximar da causa real.

Outra situação a observar é quando ouvimos uma mãe dizer: "ele só obedece ao pai". Com isso, a criança está demonstrando que não

aprendeu a obedecer, pois quando se aprende alguma coisa, ela é aplicada em qualquer situação. Nesse caso, é preciso ensiná-la novamente. É possível que lhe tenha sido ensinado sem a segurança, certeza, firmeza necessárias, ou que foi ensinado de forma autoritária, repressora e impositiva e a criança se negou a aprender, passando a obedecer somente, sob pressão ou medo.

É preciso reconhecer que todos erramos na educação de nossos filhos, pois somos humanos, temos sentimentos, variação de humor, falta de clareza em algumas situações. Porém, mesmo que ocorram erros como impaciência, intolerância, impertinência, se não forem tão freqüentes e se estiverem revestidos de amor, a criança será capaz de superar. Contudo, é desejável que, ao reconhecermos nossos erros, nos desculpemos com a criança. Às vezes, falta-nos humildade para pedirmos desculpas aos nossos filhos, mas, certamente, exigimos que eles o façam quando erram. Como disse Winnicott<sup>3</sup>, psicanalista inglês, o erro reparado permite uma relação de amor, o erro não reparado gera privação de amor. Sendo assim, para que isso aconteça, é preciso ensiná-los, principalmente, com o exemplo.

Constituímos família com a intenção de cuidarmos uns dos outros, porém nem sempre conseguimos cumprir essa intenção na medida certa: ora podemos nos colocar próximos, num zelo sufocante, ora podemos nos afastar, provocando uma vivência de abandono<sup>2</sup>. Atuar num zelo sufocante é cercar a criança de cuidados exagerados dos quais ela já não necessita, fazendo escolhas, assumindo atitudes de defesa por ela e não a encorajando a defender-se, inibindo suas iniciativas, às vezes, chegando até a amedrontá-la, criando uma relação de proteção e dependência e não lhe dando o direito de errar. Aliás, o erro faz parte de um processo natural de aprendizagem, ele pode ser construtivo, portanto, deve ser tolerado e não deve ser ignorado, desprezado ou utilizado para penalizar a criança. O erro deve ser aproveitado para identificarmos porque a criança não aprendeu e ensinarmos de forma mais eficiente.

Por outro lado, provocamos uma vivência de

abandono quando não somos tolerantes e pacientes para ensinar, quando alegamos não ter tempo para estar com nossos filhos, quando achamos ser muito trabalhoso educá-los ou quando acreditamos ser desnecessário ensinar-lhes as regras de convivência social. Às vezes, parece mais fácil deixá-los fazer o que querem e depois castigá-los, dependendo do nosso humor. A criança também pode sentir-se abandonada quando somos incoerentes ou ambíguos – ora somos permissivos, ora muito repressivos, diante de situações semelhantes. Essas nossas atitudes fazem-na ficar sem um padrão de referência e ela passará a atuar no ensaio e erro, sem saber o que realmente está certo – faz e depois arca com as conseqüências, quando nem sempre está preparada para arcar. Na verdade, nossos filhos têm o direito de saber, antecipadamente, como é esperado que eles se comportem.

Esses procedimentos reportam a importância dos limites bem colocados. A criança que conhece e obedece aos limites está mais protegida, agirá com mais segurança no seu meio social e será poupada de punições, desafetos e frustrações desnecessárias. Mas, ainda que este ensino envolva colocação de limites, ele deve ser realizado de forma carinhosa e paciente, não esperando que a criança aprenda de uma só vez, pois, se assim fosse, não poderíamos falar em “processo de aprendizagem”<sup>2</sup>. Aprender a se comportar em diferentes situações do cotidiano é necessário para a criança desenvolver os papéis sociais, inicialmente de filho, depois de aluno e, mais tarde, de cidadão na sociedade. Não podemos nos esquecer ainda do papel da imitação: a criança aprenderá, também, a partir da observação das diferentes condutas das pessoas que a cercam, principalmente os pais.

A escola colabora muito com os pais nessa tarefa, conduzindo a criança para um mundo mais amplo, levando-a a afastar-se um pouco do núcleo familiar, em busca da autonomia para o seu crescimento, e a conquista da escrita e da leitura ajudam na discriminação e organização desse mundo.

Outro aspecto a considerar é a questão do consenso entre os pais nos assuntos que se

referem à criança. É desejável que esta, sempre que possível, receba as mesmas orientações tanto por parte do pai quanto da mãe. Se assim for, ela irá adquirindo valores coerentes e cada vez mais consistentes para orientar sua vida.

Podemos, muitas vezes, acreditar que, diante de um pedido da criança, dizer “não” é mais fácil, mas, ao contrário do que se pensa, não é, pois com o tempo a criança se tornará resistente ao “não” e passará a deixar de ouvi-lo. Não é raro escutarmos: estou cansada de dizer não, mas ele não me obedece. É preciso justificar o não. A criança que é proibida de se manifestar, agir ou sentir, que é calada nos seus desejos, perde seu vínculo com eles. E quando o desejo da criança é sistematicamente posto de lado até fazê-lo coincidir com o desejo dos pais e sua vontade reprimida, suas possibilidades de elaboração intelectual ficam prejudicadas e ela, conseqüentemente, produzirá aquém de seu potencial<sup>2</sup>.

Na verdade, o que nos dá a medida certa para educarmos é o termômetro do amor, evitando sempre, tanto as muito altas quanto as muito baixas temperaturas. Winnicott<sup>3</sup>, novamente, alertou-nos que a criança privada ou excessivamente atendida é aquela que irá adoecer.

É o amor, portanto, que deverá orientar e nortear nossos passos, de forma a contribuir para que possamos ver nossos filhos como pessoas reais e não ideais. A percepção distorcida entre o filho pensado, o filho ideal, aquele sobre o qual os pais têm uma determinada expectativa, que nem sempre correspondem ao que eles imaginam e a criança real, o filho vivido, o qual tem sua individualidade, pode nos levar a desrespeitarmos a singularidade original do mesmo, ocasionando sérias distorções no seu processo de estruturação da identidade.

Portanto, não sufocando, nem abandonado nossos filhos, estaremos formando crianças mais seguras, ativas, críticas e menos inseguras, passivas, ingênuas e submissas. Tais comportamentos as tornarão mais humanas e, certamente, serão repetidos mais tarde, quando adultos, facilitando suas interações nos vários setores da vida social.

Com tudo o que foi exposto, constatamos que educar exige amor e muita dedicação, tanto por parte da mãe quanto do pai, pois os dois devem estar sempre presentes, não priorizando nenhum deles. Este é um ponto importante. Às vezes, a educação dos filhos recai mais sobre a mãe, ficando o pai somente como provedor da família.

Uma relação insatisfatória, de intolerância e desamor na vivência do vínculo familiar poderá afetar as interações sociais da criança, gerando

apatia, dispersão, dificuldade para aceitar regras, indisciplina, agressividade, ou ainda pode causar distúrbios de aprendizagem da leitura, escrita e do raciocínio lógico-matemático<sup>2</sup>. É, também, tarefa dos pais proporcionar um ambiente alegre e harmonioso em casa, pois uma criança feliz aprende mais e melhor.

Aceitar o filho real, tolerar, errar e pedir perdão, ensinar e amar, foi tudo o que pedi, para mim, na educação dos meus filhos e é o que desejo aos outros pais na criação dos seus.

### SUMMARY

#### The bases of learning

The author intends to describe the implications in the process of learning, resulting from the relationship between parents and children. She makes use of her professional experiences and references of Jung's Analytical Psychology and Winnicott's Psychoanalysis.

**KEY WORDS:** Genes; environment; personal essence or vocation; existence; singular character.

### REFERÊNCIAS

1. Jung, CG. *Psicologia da Inconsciente*. São Paulo, SP: Editora Vozes; 1978.
2. Sargo, C. *O Processo de Aprendizagem e sua Articulação com a Dinâmica Relacional entre Pais e Filhos – Um Estudo a partir da*
3. *Psicologia Analítica [Dissertação de Mestrado]*. S.Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 2000.
3. Winnicott, DW. *O ambiente e os Processos de Maturação*. Porto Alegre, RGS: Artes Médicas; 1979.

---

*Trabalho realizado no Espaço Pedagógico da autora.*

---

*Artigo recebido em 14/01/2003*

*Aprovado em 27/02/2003* ■